

# As RBAs de 1961 e 1992 em Belo Horizonte e a antropologia ensinada na UFMG<sup>1</sup>

**Candice Vidal e Souza**

*Em memória de Cid Rebelo Horta*

A primeira realização do certame Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) na capital mineira aconteceu em 1961. Apenas em 1992 a Universidade Federal de Minas Gerais sediou outro encontro promovido pela ABA. Para compreender os personagens e instituições envolvidos na preparação dessas duas reuniões, apresento registros documentais da preparação e das atividades que constituíram a programação desses encontros antropológicos. Em cada situação, cabe conhecer aspectos do ensino de antropologia em Belo Horizonte nas faculdades integradas à Universidade de Minas Gerais (UFMG a partir de 1965), responsáveis pela organização local, a Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) e a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), em momentos anteriores e/ou posteriores a cada uma dessas RBAs.

---

1 As pessoas e as instituições que ofereceram informações para esse capítulo são: Rodrigo Rebelo Horta, Simão Rebelo Horta e Carolina Rebelo Horta; Martinho Rebelo Horta (pai e filho); Jijara Martins e Felipe Bruno Martins Fernandes; Fernando Corrêa Dias (*in memoriam*), Christiano Tambascia e equipe do Arquivo Edgar Leuenroth/Unicamp; Maria Elizabeth Bréa (Fundação Darcy Ribeiro); Departamento de Administração de Pessoal/UFMG. As entrevistas foram realizadas no projeto de pesquisa “Hierarquias intelectuais e lutas de classificação nas ciências sociais: a construção da posição institucional da Antropologia em Minas Gerais” (CNPq, 2004-2005), coordenado pela autora.

## A RBA de 1961

Cid Rebello Horta (1917-1962), mineiro de Viçosa, foi o primeiro professor de Antropologia do Curso de Sociologia e Política da Faculdade de Ciências Econômicas. Cid formou-se em Direito na UFMG, em 1939, e em Geografia e História em 1952, na Faculdade de Filosofia. Cid trabalhou nos jornais *O Diário e Folha de Minas* e foi colaborador do *Diário de Minas*. Atuou, ainda, como assessor de imprensa e divulgação da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Minas Gerais. Em sua faceta jornalística, fundou uma rádio em João Monlevade e o jornal interno da Companhia Belgo-Mineira.

Outra faceta da presença de Cid na vida da capital mineira é sua inserção em funções do governo estadual, atuando diretamente junto ao governador no momento da V RBA, como secretário executivo do Conselho Estadual de Economia e Administração no governo de Magalhães Pinto (órgão que, mais tarde, deu origem ao Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais/BDMG). Ocupou postos nos gabinetes nas secretarias de Saúde (governo Milton Campos) e na secretaria do Interior e Justiça no governo Bias Fortes.

A multiplicidade da atuação profissional de Cid se combina com a sobreposição de seus circuitos de sociabilidade que envolvem intelectuais, escritores, jornalistas e políticos. Essa configuração de relações repete, em uma geração adiante, o cenário descrito por Sergio Miceli a respeito de Carlos Drummond de Andrade e a elite política mineira (Miceli, 2022). Laços de parentesco e amizade constituem a tessitura dessas relações. Reproduzo, na Figura 1, um desses encontros, o qual ocorreu em 24 de janeiro de 1943. Trata-se de “almoço íntimo oferecido a Murilo Rubião pelos seus amigos, por motivo da sua recente formação em Direito”, conforme a anotação constante na foto guardada no Arquivo Público Mineiro.



*Figura 1 – Almoço em homenagem à formatura de Murilo Rubião. Da esquerda para a direita, em pé: João Dornas Filho, Cid Rebello Horta, Murilo Rubião, Floriano de Paula. Sentados: Jair Rebello Horta, Otto Lara Rezende, Fernando Sabino e Hélio Pellegrino.<sup>2</sup>*

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Fundo João Dornas Filho, JDF-8.2-165.

Como veremos, as conexões de Cid Rebello Horta com o mundo jornalístico e o governo de Magalhães Pinto serão relevantes para a realização do encontro de antropólogos na capital mineira e o acompanhamento do evento pela imprensa mineira. Podemos reconhecer um estilo de relações sociais que se desenrola entre homens unidos por trabalho e amizade, mas que inclui também a esfera doméstica e a família, mundos que se conectam nos encontros sociais e nas visitas às casas de amigos e parentes. Podemos entender essa atmosfera como comunidade entre iguais que se consideram e respeitam, sobretudo em termos intelectuais e de pertencimento de classe social. Naquele momento, o presidente da ABA era o mineiro, nascido em Montes Claros, Darcy Ribeiro (1922-1997). As habilidades relacionais de

---

2 A legenda original do Arquivo Público Mineiro foi corrigida pela autora e por Rodrigo Rebello Horta. Os homens que estão, respectivamente, na quinta posição em pé e sentado não foram identificados até o momento.

Darcy e sua capacidade de mobilizar redes são características desde os anos de juventude. Lembro que, na foto da primeira RBA de 1953, lá estão ele e Berta Gleiser Ribeiro, desde então presenças marcantes na cena antropológica brasileira.

Darcy era amigo de Cid Rebello Horta e do governador Magalhães Pinto, a quem visitou em suas vindas a Belo Horizonte. Na Figura 2, registra-se o encontro deles no Palácio da Liberdade, provavelmente acontecido no período em que se investia na preparação e realização da reunião no primeiro semestre de 1961.



*Figura 2 – Governador Magalhães Pinto recebe a visita de Darcy Ribeiro no Palácio da Liberdade.*

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Fundo Jornal *Folha de Minas*, FM-2-1-449.

Cid assume o posto de professor da disciplina Antropologia e Etnologia em 1953. Darcy Ribeiro proferiu a aula inaugural do curso de Sociologia e Política, cujo tema foi o conceito antropológico de cultura. Cid e Darcy foram amigos e colaboradores, pois seria o professor da FACE o coordenador da comissão que organizou a V RBA, em Belo Horizonte, no ano de 1961. As etapas de preparação da RBA incluíram a correspondência para todos os “consócios” da ABA em 7 de fevereiro de 1961, anunciando o evento para o

período de 10 a 14 de julho. A carta assinada por Darcy Ribeiro e pelo secretário geral da ABA, Manuel Diégues Júnior, informa sobre a intenção de promover “quatro conferências, a cargo de especialista altamente credenciados, sobre temas atuais da Antropologia; projetamos realizar uma exibição de filmes etnográficos. Além disso, estão se processando entendimentos no sentido de realizar-se uma exposição de Arte Negra, com apresentação de material existente no Museu Goeldi” (Acervo ABA/AEL Unicamp). A parte social seria composta por almoços oferecidos aos participantes e excursões no final de semana para Ouro Preto, Congonhas, Cordisburgo e possivelmente, Três Marias, às margens do rio São Francisco. No último dia do evento seria realizada a Assembleia Geral, a eleição da nova diretoria e a renovação de um terço do Conselho Científico, devendo a posse dos eleitos acontecer na solenidade de encerramento do mesmo dia.

Nos meses que se seguiram, foi-se consolidando o evento que, de fato, aconteceu entre os dias 26 a 30 de junho, com a programação diurna ocorrendo na Colônia de Férias do SESC, em Venda Nova, e as conferências noturnas no Auditório da FACE, localizada na Rua Curitiba, no centro da capital.

Após o comunicado aos sócios da ABA, Darcy Ribeiro e Manuel Diégues Júnior encaminharam correspondência em 24 de fevereiro de 1961 ao governador José Magalhães Pinto, apresentando o evento e os temas, “de mais vivo interesse”, que serão debatidos: Etnologia Indígena, Política Indigenista, Política Migratória, Ensino de Antropologia, Antropologia Física, Antropologia Cultural, Paleontologia e Linguística. Como a ABA dependia apenas do recurso de seu pequeno número de sócios para as despesas de transporte e hospedagem dos participantes, publicação dos anais e impressão do programa, solicitaram, ao governador, um “auxílio financeiro especial” para ajudar a ABA a realizar tais atividades. Na mesma carta, convidaram Magalhães Pinto a incluir seu nome da Comissão de Honra da V RBA, certos do prestígio que esse apoio traria ao encontro antropológico.

As correspondências trocadas entre Cid e Darcy dão conta do processo de organização do encontro. O endereço oficial para comunicação com a comissão local era na Rua do Ouro, 200, residência de Cid. Em 11 de maio

de 1961, Darcy escreveu a Cid enviando as informações para a montagem do programa e as sugestões para a “feição gráfica” da publicação. Deu notícia de arranjos relativos à sessão sobre Folclore (que corresponde a grupos de trabalho), assumida por Edison Carneiro e a exposição de Arte Negra, sob os cuidados de Eduardo Galvão e Peter Hilbert (nomeados apenas como Galvão e Peter na carta), do Museu Goeldi. Sobre o número de exemplares do programa, Darcy deixara a cargo de Cid, mas pediu 200 exemplares para a ABA encaminhar “aos membros da ABA, aos professores de Antropologia e Etnologia e a algumas pessoas e instituições interessadas”. A carta se conclui com marcas da relação de amizade entre o casal Ribeiro e a família de Cid: “Abraços amigos, meus e de Berta a você, Francisca e aos sobrinhos. Até breve”<sup>3</sup>. Na carta datilografada há o recado, escrito à mão, de que (Charles) Wagley não poderia fazer a conferência programada, pois só chegaria ao Brasil em 1º de julho. O programa deveria ser mudado, portanto; e Darcy sugeriu que o próprio Cid fizesse a conferência ou, “sendo impossível”, que indicasse alguém de Minas.

O registro mais acessível da V RBA é a notícia publicada na *Revista de Antropologia* (volume 9º) em 1961. Amadeu Duarte Lanna (1961, p. 124-125) relata que “[...] o programa de trabalhos foi intenso, compreendendo sessões de estudos, conferências, exibição de filmes etnográficos, uma exposição de arte africana e outra de pintura rupestre do vale do Rio das Velhas”. As quatro conferências foram proferidas por Herbert Baldus (“Bibliografia Etnológica Brasileira de 1953 a 1960”), Eduardo Galvão (“Os índios da Amazônia e a civilização”), Morse Belém Teixeira (“Estudo e Definição de uma Área Cultural em Minas Gerais”) e Florestan Fernandes (“A Unidade das Ciências Sociais e a Antropologia”) (Lanna, 1961, p. 124-125). Assim, o professor Morse, docente da Faculdade de Filosofia responsável por disciplinas de Sociologia, foi a pessoa de Minas Gerais indicada

---

3 Os sobrinhos a quem Darcy manda um abraço são os filhos de Cid e Francisca Fontes de Andrade Horta: Rodrigo, Beatriz, Clarissa, Fernão e Berta. O nome da filha mais nova é uma homenagem do casal a Berta Ribeiro. Rodrigo e sua filha mais velha, Carolina, assim como Simão, filho de Beatriz, foram pessoas fundamentais para acesso a materiais e à memória da vida profissional e familiar de Cid no movimento de pesquisa mais recente para a apresentação no evento de 70 anos da RBA na UFMG, em 28 de julho de 2023.

a fazer a conferência no lugar de Wagley. O relato de Lanna (1961, p. 125) é concluído com a observação de que: “A eficiente organização da Reunião deveu-se ao incansável trabalho da Comissão Organizadora e, principalmente, do Prof. Cid Rebello Horta”.

As imagens do evento<sup>4</sup>, assim como o relato detalhado e sequencial das atividades científicas e sociais, estão disponíveis nos principais jornais da cidade, que trazem reportagens a partir de 27 de junho até 2 de julho de 1961. Os jornais *Estado de Minas*, *Diário de Minas*, *Folha de Minas*, *Folha da Tarde* e *O Diário* informam sobre a sessão solene de inauguração ocorrida no dia 26 de junho, segunda-feira, no salão de festas da Colônia de Férias do SESC, onde também estavam hospedados os participantes. Pelos jornais, sabemos que havia um ônibus disponível na porta da FACE, às oito horas da manhã, para levar congressistas até o SESC. As autoridades presentes representam o governo de Minas Gerais, o reitor da Universidade de Minas Gerais, Orlando de Carvalho, e diretores das faculdades de Filosofia, Ciências Econômicas e Medicina, além do vice-presidente da Federação do Comércio. Os discursos foram iniciados pelo reitor da UMG, seguido por Darcy Ribeiro e Manuel Diégues Jr., os quais agradecem pelo apoio das instituições e reiteram a fé dos antropólogos brasileiros nas ciências sociais, “[...] que constituem para a humanidade de nossos dias o seu melhor instrumento de libertação, de autêntica liberdade do homem e da própria ideia de liberdade” (*O Diário*, 27 de junho de 1961, [s. p.]), como teria dito Diégues.

Em seguida, houve o almoço oferecido aos congressistas (quase uma centena) pelo prefeito Amintas de Barros no Iate Tênis Clube, na Pampulha. Em seu discurso ao final do almoço, o prefeito deu as boas-vindas da cidade aos participantes, ressaltando o ambiente de mudança vivido pelo país, atribuído ao desenvolvimento industrial e urbano, e os desafios da administração da “aglomeração de quase 700 mil habitantes”. Dirigiu-se aos antropólogos:

---

4 Inexistes no arquivo da ABA, conforme Corrêa (2003, p. 24), onde se diz “Não temos foto dessa reunião” em referência à V RBA.

[...] como cientistas sociais, que sois, tendes como função exercer o papel de intermediários entre a realidade social e os que legislam e administram. Estais vós incumbidos, nesse particular, de fornecer os dados objetivos da realidade e de indicar as soluções mais adequadas através das quais possamos alcançar a maturidade econômica e a integração nacional, criando e repartindo melhor a riqueza coletiva. (*Diário de Minas*, 27 de junho de 1961, p. 10).

No mesmo dia, foi inaugurada às 18 horas, no salão amarelo do Banco Mineiro da Produção, a exposição sobre Arte Negra. Às 20h30, na Faculdade de Ciências Econômicas, aconteceu a “erudita conferência” de Herbert Baldus sobre a “Bibliografia Etnológica de 1953 a 1960” (*Diário de Minas*, 27 de junho de 1961, p. 10).

A programação das apresentações e dos debates pode ser conhecida graças ao registro dos jornais da capital, visto que, até o momento, não foi encontrado o programa impresso da V RBA. Pelos registros, aconteceu na manhã do dia 27 de junho o seminário (no *Diário de Minas*, recebe o nome de “sessão de estudos”) sobre “Antropologia Cultural”. Foram apresentados trabalhos sobre comunidades rurais brasileiras e resultados de investigações que o Centro de Pesquisas Educacionais do Rio de Janeiro realizou em várias localidades do país para definir “o novo sistema de educação de base do Brasil”. Na parte da tarde, Edson Carneiro (Universidade do Brasil) conduziu o seminário “Antropologia e Folclore”. À noite, ocorreu a conferência de Eduardo Galvão, tendo sido apresentado por Cid Rebello Horta. Conta o jornal que “[...] utilizando-se de ‘slides’, o professor Eduardo Galvão ilustrou sua conferência, proporcionando uma imagem objetiva da situação atual das comunidades tribais da Amazônia, confrontando-a com os meios civilizados” (*Estado de Minas*, 28 de junho de 1961, p. 1).

No dia 28 de junho, aconteceu a conferência de Peter Paul Hilbert, também do Museu Goeldi, com o tema “Arqueologia Brasileira”. Em seguida, Aryon Dall’Igna Rodrigues (Universidade do Paraná) discorreu sobre “Linguística Comparativa e Descritiva”. À noite, no cinema do SESC foram



exibidos filmes etnográficos sobre “[...] os principais aspectos da vida dos índios Xetá, do Paraná; Urubu-Kaapor, da Amazônia e Bororos, do Mato Grosso” (*Estado de Minas*, 27 de junho de 1961, p. 1). Darcy Ribeiro foi o comentarista dessa apresentação.

A sessão solene de encerramento da V RBA aconteceu no auditório da Faculdade de Ciências Econômicas no dia 30 de junho de 1961. A nova diretoria eleita (Herbert Baldus, Joaquim Mattoso Câmara Júnior e Luiz de Castro Faria) foi empossada pelo próprio governador<sup>5</sup>. A seguir, Cid Rebello Horta leu o relatório geral da reunião que se encerrava, quando resumiu que houve quatro conferências públicas e nove comissões de estudo com os seguintes títulos: etnologia indígena, antropologia cultural brasileira, antropologia e folclore, linguística comparativa e descritiva, arqueologia brasileira, política indígena, política imigratória, ensino de antropologia e antropologia física e populações paleo-ameríndias (*Diário da Tarde*, 1 de julho de 1961, p. 4).

Darcy Ribeiro leu a prestação de contas da gestão que se concluía. Encerrou-se o evento com o discurso do governador Magalhães Pinto. Nos longos trechos citados diretamente nos jornais, mencionam-se os desafios para o desenvolvimento nacional e regional, os quais não são somente de “ordem financeira”, mas dizem respeito também à “organização social”, cabendo aos cientistas sociais apontarem soluções para “[...] eliminar arcaísmos e resistências que persistem, ajudando a recriar uma sociedade nova, para servir e usufruir os benefícios de uma economia nova num Brasil novo”. O governador mineiro entende que:

[...] os antropólogos, pela sua singular experiência no convívio com uma multiplicidade de povos e de estruturas sociais, assim pelo alcance dos elementos conceituais e metodológicos de sua

---

5 No livro *As reuniões brasileiras de antropologia: cinquenta anos 1953-2003* (2003), há a informação de que Cid foi eleito para o Conselho Científico da ABA. Nessa publicação, há um erro sobre a afiliação institucional de Cid, pois ele não era professor da “Faculdade de Filosofia/MG”, mas sim da Faculdade de Ciências Econômicas.

disciplina, estão credenciados a exercer um relevante papel na reconstrução da sociedade brasileira e no desenvolvimento econômico do país. (Estado de Minas, 1 de julho de 1961, p. 2).

Reproduzo, a seguir, dois registros jornalísticos do evento (Figuras 3 e 4), com imagens das sessões de abertura do evento e inauguração de uma exposição, além de textos sobre os acontecimentos da programação.



Figura 3 – Reportagem de capa sobre a V RBA.

Fonte: Estado de Minas, 27 de junho de 1961.

# Vem aí o aumento das tarifas postais: carta simples a dez cruzeiros

Uma nova tarifa, em 20 linhas, para cartas simples e pagas, em 10 de junho, será aplicada em todo o Brasil. A tarifa atual, em vigor desde 1954, prevê o envio de cartas simples e pagas por 10 cruzeiros. A nova tarifa prevê o envio de cartas simples e pagas por 10 cruzeiros. A nova tarifa prevê o envio de cartas simples e pagas por 10 cruzeiros.

**ALIMENTOS VEM**  
 O preço de alguns alimentos básicos, como arroz, feijão, milho, trigo, açúcar, manteiga, leite, óleo, sal, café, etc., sofrerá um reajuste de 10% a partir de 10 de junho. O reajuste será aplicado em todas as regiões do Brasil.

**INSTALADA A V REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA:**  
 A reunião brasileira de antropologia, organizada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, será realizada em Belo Horizonte em 10 de junho. O evento contará com a participação de especialistas de várias áreas da antropologia.

**RELA O REGISTRO DE 1960**  
 O registro de 1960, referente ao comércio exterior do Brasil, será publicado em 10 de junho. O registro contém informações sobre as importações e exportações de mercadorias e serviços.

**ALFABETIZAÇÃO NA BARRAGEM**  
 O projeto de alfabetização na barragem, desenvolvido pelo Ministério da Educação, será iniciado em 10 de junho. O projeto visa à alfabetização dos trabalhadores das barragens.

**COMERCIAL NA PARALISADA**  
 O comércio na paralisação, devido à greve dos funcionários públicos, será afetado em 10 de junho. O comércio sofrerá uma paralisação parcial.

**REI DOS BAZARES**  
 O rei dos bazares, evento promovido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, será realizado em 10 de junho. O evento visa à arrecadação de recursos para a pesquisa científica.

**ESCOLA SMITH CORONA**  
 Datilografia em um mês. A Escola Smith Corona oferece um curso de datilografia em um mês. O curso é ministrado por professores experientes e oferece uma formação completa em datilografia.

**ESPECIALISTA**  
 Dentista para nervos. O dentista especialista em tratamentos para nervos oferece serviços de alta qualidade. O especialista atua em todas as regiões do Brasil.

**VENDEMESE**  
 Espaço para redigir. O espaço para redigir oferece uma oportunidade para escritores iniciantes. O espaço é destinado à publicação de textos em português.

**BAR**  
 Espaço para beber. O espaço para beber oferece um ambiente agradável para o consumo de bebidas. O espaço é ideal para reuniões e encontros.

**DOENÇAS DA PELE**  
 Tratamento especializado. O tratamento especializado para doenças da pele oferece resultados eficazes. O tratamento é realizado por dermatologistas experientes.

**ATENÇÃO COLEGIAS E ESPORTISTAS**  
 Ainda aqui o seu talão vale um milhão. O talão de cheques oferece uma vantagem para colecionistas e esportistas. O talão vale um milhão de cruzeiros.

**REI DOS BAZARES**  
 O rei dos bazares, evento promovido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, será realizado em 10 de junho. O evento visa à arrecadação de recursos para a pesquisa científica.

**ESCOLA SMITH CORONA**  
 Datilografia em um mês. A Escola Smith Corona oferece um curso de datilografia em um mês. O curso é ministrado por professores experientes e oferece uma formação completa em datilografia.

**ESPECIALISTA**  
 Dentista para nervos. O dentista especialista em tratamentos para nervos oferece serviços de alta qualidade. O especialista atua em todas as regiões do Brasil.

**VENDEMESE**  
 Espaço para redigir. O espaço para redigir oferece uma oportunidade para escritores iniciantes. O espaço é destinado à publicação de textos em português.

**BAR**  
 Espaço para beber. O espaço para beber oferece um ambiente agradável para o consumo de bebidas. O espaço é ideal para reuniões e encontros.

**DOENÇAS DA PELE**  
 Tratamento especializado. O tratamento especializado para doenças da pele oferece resultados eficazes. O tratamento é realizado por dermatologistas experientes.

**ATENÇÃO COLEGIAS E ESPORTISTAS**  
 Ainda aqui o seu talão vale um milhão. O talão de cheques oferece uma vantagem para colecionistas e esportistas. O talão vale um milhão de cruzeiros.

**REI DOS BAZARES**  
 O rei dos bazares, evento promovido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, será realizado em 10 de junho. O evento visa à arrecadação de recursos para a pesquisa científica.

**Oscar Coelho dos Santos**  
 Edifício Fátima. O Edifício Fátima oferece um ambiente agradável para o trabalho e o lazer. O edifício possui salas de reunião e espaços para descanso.

**ESPECIALISTA**  
 Dentista para nervos. O dentista especialista em tratamentos para nervos oferece serviços de alta qualidade. O especialista atua em todas as regiões do Brasil.

**VENDEMESE**  
 Espaço para redigir. O espaço para redigir oferece uma oportunidade para escritores iniciantes. O espaço é destinado à publicação de textos em português.

**BAR**  
 Espaço para beber. O espaço para beber oferece um ambiente agradável para o consumo de bebidas. O espaço é ideal para reuniões e encontros.

**DOENÇAS DA PELE**  
 Tratamento especializado. O tratamento especializado para doenças da pele oferece resultados eficazes. O tratamento é realizado por dermatologistas experientes.

**ATENÇÃO COLEGIAS E ESPORTISTAS**  
 Ainda aqui o seu talão vale um milhão. O talão de cheques oferece uma vantagem para colecionistas e esportistas. O talão vale um milhão de cruzeiros.

**REI DOS BAZARES**  
 O rei dos bazares, evento promovido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, será realizado em 10 de junho. O evento visa à arrecadação de recursos para a pesquisa científica.

Figura 4 - Reportagem sobre instalação da V RBA, com foto de Darcy Ribeiro.

Fonte: Diário de Minas, 27 de junho de 1961.

## A Antropologia ensinada na FACE antes e depois da V RBA

Com o encerramento da VRBA, as aulas de Antropologia seguiram na FACE. A atividade de Cid Rebello Horta, como professor da matéria que ocupava o primeiro ano do curso, deixou excelentes impressões em seus alunos<sup>6</sup>.

O cientista político Antonio Octavio Cintra, que estudou Antropologia em 1958, lembra que “[...] Cid era um autodidata, jornalista fascinado pela antropologia. Sua aula era entusiasmada, gostava do assunto” (entrevista concedida à autora em 19 de agosto de 2005). O sociólogo Fernando Correia Dias, que trabalhou com Cid no jornalismo e foi seu aluno em 1954, informou sobre as aulas de Antropologia dadas por ele em dois momentos: em texto, publicado no Suplemento Literário, que relembra o seu “itinerário intelectual” quando fazia 50 anos e em resposta ao questionário enviado pela autora.

Fernando Correia Dias menciona que, na função de professor da FACE, Cid Rebello Horta:

[...] não se limitou a aulas rotineiras. Embrenhou-se pelo estudo dos grandes teóricos e, ao mesmo tempo, pelo exame dos problemas etnológicos brasileiros. Ministrou aulas notáveis, caracterizadas pela vivacidade, pela probidade intelectual e pelo relacionamento simpático com os alunos. Escreveu excelentes apostilas da matéria. (*Suplemento Literário do Minas Gerais*, 21 de outubro de 1967).

Ficamos sabendo, por Fernando Correia Dias, que as aulas de Cid eram expositivas. O programa do curso “tinha seu fulcro no conceito antropológico de cultura”. O aluno se recorda, ainda, de “digressões sobre o conceito de cultura” (questionário enviado à autora em setembro de 2005).

---

6 Entre as obras de Cid destaca-se a conferência *Famílias Governamentais de Minas Gerais*, proferida no II Seminário de Estudos Mineiros em outubro de 1956 e, depois, publicada. A cópia disponível na internet pertenceu a Luiz de Castro Faria e estava na biblioteca do PPGAS/Museu Nacional.

Textos e autores introduzidos aos alunos naquela época dão ideia de que o professor informava sobre os debates do momento. Fernando Correia Dias diz ter a impressão que ouviu, pela primeira vez, nas aulas de Cid, “os nomes de Malinowski, Radcliffe-Brown, Ruth Benedict e Claude Lévi-Strauss” (questionário enviado à autora em setembro de 2005). Ele cita ainda o manual de Ralph Linton, *O homem. Uma introdução à Antropologia*. Antonio Octavio Cintra lembra de outros autores e discussões: “Líamos Ralph Linton, Clyde Kluckhohn, Herskovits, além dos materiais que a Unesco produziu no pós-guerra, sobre a questão racial” (questionário enviado à autora em setembro de 2005).

O programa de Cid Rebello Horta para a disciplina denominada Antropologia e Etnologia possui os seguintes itens, cada qual com detalhada especificação:

1. Natureza e objeto da Antropologia;
2. Divisão do campo da Antropologia;
3. Unidade das Ciências Sociais e o lugar da Etnologia;
4. O passado biológico do Homem;
5. A evolução cultural do Homem;
6. A herança biológica do Homem;
7. Estudos brasileiros da Paleontologia Humana;
8. Conceito e preconceito de Raça;
9. A mestiçagem e o problema da classificação racial da população brasileira;
10. Raça, linguagem e cultura;
11. Conceito de cultura;
12. Os sistemas adaptativos da cultura;
13. Sistemas associativos da cultura;
14. Sistemas ideológicos da cultura;
15. Teorias da cultura: o evolucionismo;
16. Teorias da cultura: o difusionismo;
17. Teorias da cultura: o funcionalismo;
18. Contato e assimilação;
19. Contatos raciais e culturais no Brasil;
20. Estudos de aculturação no Brasil. (FACE/UFMG).

O professor de Antropologia apresentava um panorama das divisões da Antropologia em Antropologia Física ou Biológica, Antropologia Cultural ou Etnologia; Antropologia Social. Na sua visão, constavam como disciplinas auxiliares a Paleontologia Humana, a Arqueologia e a Etnografia. Pela versão dos alunos, o curso era interessante e eficiente, fornecendo a futuros cientistas políticos e sociólogos a introdução rigorosa e entusiasmada aos pontos de vista e às questões da Antropologia.

Cid Rebello Horta morreu em 3 de janeiro de 1962, em um acidente de carro no km 14 da rodovia Rio-Magé, quando viajava de férias com a família. Seu desaparecimento brusco foi bastante sentido entre os intelectuais locais, como comprovam os jornais da época e as homenagens em anos posteriores. Na FACE, seu lugar foi assumido por um ex-aluno, formado em 1959: Marcos Magalhães Rubinger.

Marcos Rubinger recebeu treinamento especializado em Antropologia no Museu Nacional, pois integrou a segunda turma do curso coordenado por Roberto Cardoso de Oliveira, em 1961. Como parte das atividades do curso, realizou pesquisa de campo entre os Suruí e os Gavião, sob a coordenação de Roque Laraia e Roberto da Matta, em companhia de Júlio Cezar Melatti. Preso e exilado pelo regime militar, Rubinger faleceu em 1975. Na época de formação no Museu Nacional, Rubinger elaborou o “Projeto de Pesquisa Maxakali”, inspirado nas discussões sobre fricção interétnica. Não conseguiu concluí-lo.

Rubinger pesquisava entre os Maxakali em 1963, com o auxílio de uma assistente de pesquisa, aluna de turma posterior à sua no Museu Nacional, Maria Stella Amorim. Ou seja, enquanto trabalhava na FACE, Rubinger estava em plena atividade de pesquisa, associado ao grupo de excelência em Antropologia formado em torno de Roberto Cardoso de Oliveira e Luiz de Castro Faria. O Curso de Especialização em Antropologia Social organizado no Museu Nacional foi uma novidade na antropologia brasileira. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira, no começo dos anos 1960, dominava o “famoso consenso ortodoxo”, que consiste na visão culturalista americana e funcionalista. Seu projeto contrariava essa receita, cujo principal defensor era Darcy Ribeiro, ao introduzir obras e autores da antropologia britânica. Interessavam então as questões de estrutura social, em substituição à ênfase no conceito de cultura.

Novas referências teóricas e treinamento obrigatório em pesquisa de campo, sobretudo em etnologia indígena, foram as marcas do curso de pós-graduação ao qual Marcos Rubinger se integrou. Na visão de Roberto Cardoso de Oliveira, seus alunos, oriundos de diversos estados, poderiam

retornar e difundir novos ares para o ensino e a pesquisa antropológica. O aluno de Belo Horizonte foi recebido com a expectativa de que “[...] ele fosse uma pessoa que levasse, nesse caso era uma nova orientação de antropologia, uma antropologia social, que naquele tempo ainda tinha dificuldade de se integrar ao *establishment*” (entrevista concedida à autora, em 22 de março de 2005).

De acordo com seu professor, Marcos Rubinger fora um bom aluno e iniciava ali uma “carreira de futuro”. Percebia nele uma preocupação institucional, “de querer fazer algo em antropologia em Minas”. Seria “[...] provavelmente uma das pessoas a organizar, a modernizar, eu diria, a antropologia em Minas Gerais” (entrevista concedida à autora, em 22 de março de 2005).

Os alunos de Marcos Rubinger recordam-se de aulas instigantes e divertidas. O que mais lhes marcou foi a intenção do professor de chocar, de questionar valores arraigados, de usar palavras incomuns para a época. Deve-se notar que o curso da FACE atraía muitas mulheres. Dentre elas, Maria Stella Grossi Porto contou que Rubinger era irreverente e tratava de “temas chocantes” para a época. Na sua impressão, parecia que o professor atribuía às aulas de Antropologia a missão de “desmistificação do mundo”, de derrubada de tabus. Essas características das aulas deixaram mais lembranças do que um programa rigorosamente seguido, sobre o qual a socióloga da UnB disse conter textos da Antropologia americana e uma bibliografia de autores franceses (entrevista concedida à autora, em 29 de outubro de 2004).

O historiador José Murilo de Carvalho foi aluno de Marcos Rubinger em 1962. Embora a Antropologia fosse “secundária” no curso de Sociologia e Política, José Murilo nota que Rubinger se destacava como professor por sua dedicação, por “falar com muita pompa”. Tornou-se um professor “marcante porque tinha posições muito marcadas”. É definido pelo ex-aluno como materialista militante. Usava expressões na sala de aula que na época “não era prudente se usar”, relacionadas a sexo; falava de incesto, um tema antropológico que chocava alguns alunos. Para exemplificar práticas

da antropologia do século XIX, Rubinger mediu a cabeças dos alunos. José Murilo diz, com ironia, que o resultado decepcionante de suas medidas o fizeram descreer das teorias racistas. Outro detalhe pitoresco sobre o estilo de Rubinger é contado por José Murilo: o professor costumava se referir a um autor chamado “Tilor”, provavelmente pronunciando aportuguesado o sobrenome de Edward B. Tylor (1832-1917).

Nas aulas, Rubinger fazia referências a suas pesquisas em sociedades indígenas. No seu programa de curso, são citadas como “revistas básicas” alguns títulos como: *América Indígena*, *Ethnology*, *Revista de Antropologia*, *Boletim do Museu Nacional* e *Boletim do Museu Goeldi*. Os temas etnológicos eram incluídos na segunda parte de seu programa, chamada de “Antropologia Brasileira”, nas seções “Antropologia aplicada: políticas indigenista, imigratória e racial” e “Aspectos da evolução da etnologia no Brasil”.

A parte mais substantiva do curso era ocupada por assuntos relativos à “Antropologia Geral”: 1) Desenvolvimento, natureza e objeto da Antropologia; 2) Evolução biológica do Homem; 3) Evolução cultural do Homem; 4) Herança biológica, raça e racismo; 5) Conceito de cultura; 6) Sistemas adaptativos da cultura; 7) Sistemas associativos da cultura; 8) Sistemas ideológicos da cultura; 9) Teorias da cultura: evolucionismo, difusionismo, funcionalismo; 10) Contato, aculturação e assimilação e 11) Noções de teoria e pesquisa em Antropologia Social (FACE/UFMG, [s. d., s. p.]).

Como se pode notar, alguns títulos se assemelham ao programa de Cid Rebello Horta. Desse modo, o professor de Antropologia parece continuar inspirando Rubinger, mas sua orientação política materialista e seu treinamento em pesquisa etnológica no Museu Nacional provavelmente tenham resultado em leituras diferentes das mesmas questões gerais da disciplina. É importante perceber que o ensino de Antropologia na FACE apresentava uma continuidade significativa que demonstra certo consenso entre aqueles que assumem a disciplina a respeito do que seja a Antropologia



e dos temas e recortes a serem feitos para informar aos alunos do curso de Sociologia e Política.

O conteúdo do programa de Rubinger e a bibliografia de apoio são exemplos do momento de transição vivido a partir do início da década de 1960 nas balizas teóricas da pesquisa e do ensino da Antropologia aqui no Brasil. A presença de conceitos e autores representativos da vertente culturalista é marcada por M. Herskovits (*El Hombre y sus Obras*), Leslie White (*The Science of Culture*), C. Kluckhohn (*Antropologia*), os quais convivem com referências da antropologia social britânica (*Social Structure*, de G.P. Murdock; *Fundamentos de Antropologia Social*, de S.F. Nadel) e do estruturalismo (*Antropologia Estrutural*, de Claude Lévi-Strauss). O conceito de cultura ainda sustenta a ossatura do curso, mas a ênfase na estrutura social, especialmente com apoio de material etnológico, começa a definir um novo eixo de problemas teóricos e metodológicos.

A carreira de Marcos Rubinger foi interrompida em março de 1964 com a sua prisão. Simon Schwartzmann contou-me que foi preso junto com Rubinger, mas que um mês depois ele e outros colegas foram liberados. Apenas Rubinger foi mantido no cárcere, sendo transferido para a penitenciária de Ribeirão das Neves, na zona metropolitana de Belo Horizonte. Tal situação o teria deixado apavorado sobre o seu destino, segundo relato de Schwartzmann.

No início do ano letivo de 1964, a FACE contratou Maria Andréa Loyola para assumir a cadeira de Antropologia. Indicada por Roberto Cardoso de Oliveira, Maria Andréa conheceu Rubinger no curso de Especialização em Antropologia Social do Museu Nacional. Assim ela se recorda de sua iniciação como professora, ocorrida em cenário tão conturbado:

Na verdade, lembro-me muito pouco daquela época. Principalmente que foi o primeiro curso universitário que ministrei e que foi muito sofrido. Que a primeira aula estava lotada e tinha gente em pé e assistindo até na área de vidro que tinha naquela época e que eu tremia feito vara verde. Além de muito jovem e inexperiente, estava substituindo o Rubinger, um

professor famoso e muito querido que tinha sido preso. (mensagem enviada à autora, em 8 de junho de 2005).

Para Maria Andréa Loyola,

[...] o curso de Antropologia ministrado por Rubinger era tido como excelente. O Rubinger [...] tinha uma boa formação, mas seu curso tinha uma ênfase política de cunho marxista/comunista muito grande, o que me parece era, em parte, responsável pelo seu sucesso e, sem dúvida, foi responsável pela sua prisão” (mensagem enviada à autora, em 8 de junho de 2005).

O programa de curso de Maria Andréa Loyola contém as mesmas unidades temáticas do programa de Marcos Rubinger. Foram acrescentadas na parte “Antropologia Brasileira” as seções “Aculturação e fricção interétnica nas áreas brasileiras” e “Mudança cultural: obstáculos e resistência culturais ao desenvolvimento econômico e social”. As referências bibliográficas estão ausentes da cópia do programa, datado de 1966, que obtive na Seção de Ensino da FACE.

Maria Andréa Loyola conta sobre a estrutura geral do curso e as atividades que desenvolvia para animar as aulas:

Procurei dar um curso de Antropologia Geral – em função do tempo meio por cima para o meu gosto –, mas bastante abrangente para dar-lhes uma ideia dos diferentes temas e possibilidades da antropologia e para estimulá-los para o estudo da disciplina. Lembro-me que, no item arqueologia, levei-os a Lagoa Santa para visitar as grutas com pinturas rupestres que conhecia bem, e que trouxe o Mata [Roberto DaMatta] e, se não me enganar, também o Roque Laraia e o Júlio César Mellatti para falarem sobre antropologia, embora não me lembre sobre que temas especificamente. (mensagem enviada à autora, em 8 de junho de 2005).

Vê-se que os convidados eram todos colegas de Loyola no Museu Nacional. Os professores de Antropologia conseguiam fazer circular

pessoas e informações em Belo Horizonte quando estabeleciam rede de contatos e trocas intelectuais com antropólogos de fora. Nessas condições de sociabilidade acadêmica, os alunos podiam ser expostos a discussões e pesquisas representativos do estado da arte da antropologia feita no Brasil. Aqueles que assistiram aos cursos de Antropologia da FACE foram privilegiados pelo interesse de seus professores na disciplina, que os tornava antropólogos em exercício da tarefa de ensinar antropologia.

## A RBA de 1992

A XVIII Reunião Brasileira de Antropologia aconteceu entre os dias 12 e 15 de abril de 1992<sup>7</sup>, nas dependências da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, em um prédio construído recentemente, nos auditórios da Escola de Biblioteconomia e da Faculdade de Letras, espaços contíguos à FAFICH, e no Auditório da Reitoria. A comissão organizadora local foi coordenada por Josefina Lúcia Pimenta Lobato de Mello (Belo Horizonte, 1941), sendo composta por mais 11 professores do Departamento de Sociologia e Antropologia. A professora Josefina entrou na UFMG em 1975; foi aluna do curso de Ciências Sociais, formando-se em 1965; concluiu mestrado em Filosofia na UFMG, em 1985, e doutorado em Antropologia pela UnB em 1994, orientada por Rita Laura Segato.

Na época, a diretoria da ABA tinha a seguinte composição: Roque de Barros Laraia (presidente), Lia Zanotta Machado (secretária) e Luís Roberto Cardoso de Oliveira (tesoureiro). Os diretores eram Yvonne Maggie, Russell Parry Scott, Cecília Vieira Helm e Sérgio Teixeira. Roque Laraia, mineiro de Pouso Alegre, convidou Josefina para assumir a coordenação local da segunda RBA em terras mineiras, agora apoiada no quadro de antropólogos da FAFICH.

---

7 Observo que esta foi a primeira RBA da autora deste capítulo, quando estava no último ano do curso de Ciências Sociais (Habilitação em Antropologia), da Universidade de Brasília (UnB).

O programa do evento tem 35 páginas impressas, sem imagens e com diagramação simples em preto e branco (Figura 5). A característica surpreendente do programa é a ausência de afiliação institucional de todos os participantes. A abertura aconteceu no domingo, 12 de abril, no auditório da Faculdade de Direito da UFMG, no centro da cidade. Na segunda-feira, dia 13 de abril, as atividades aconteceram no campus da Pampulha. Os participantes ficaram hospedados no antigo Hotel Del Rey, na praça Afonso Arinos (perto da Faculdade de Direito), e se dirigiam de ônibus até o campus. Pela manhã, aconteceram seis das sete mesas redondas programadas. Para se ter noção do panorama temático, os títulos e os respectivos coordenadores foram: “Globalismo e Localismo: uma antropologia das novas fronteiras” (Gustavo Lins Ribeiro e Rafael Menezes Bastos); “A herança intelectual de Franz Boas: uma homenagem e algumas reflexões” (Margarida Maria Moura); “A questão da justiça e a cultura política brasileira” (Luiz Eduardo Soares); “Estudos do gênero: a interdisciplinaridade no campo teórico e a subjetividade no campo metodológico” (Lia Zanotta Machado); “Urbanização e Africanização” (Roberto Motta); “Efeitos da política de repressão policial no uso de drogas” (Alba Zaluar) e a mesa que se destaca pelo horário e local diverso das demais, que apresento a seguir. Na noite deste dia, no auditório da Reitoria, Roberto da Matta fez a sua emocionante conferência intitulada “Sociologia da Saudade”.

Na terça-feira, dia 14 de abril, às 18h30, aconteceu a única mesa redonda realizada no auditório da Reitoria, coordenada por Mariza Corrêa: “A importância da América Latina para a Antropologia do Brasil”. Os participantes dessa mesa nobre foram Antonio Augusto Arantes, Leopoldo Bartolomé, Mariza Corrêa e Roberto Cardoso de Oliveira.

As sessões dos 27 grupos de trabalho ocuparam duas tardes nos dias 13 e 14 de abril. O baile foi realizado na Fábrica de Macarrão, em Santa Tereza, na noite da terça-feira, dia 14. No último dia do evento, 15 de abril, a programação incluiu o encontro de coordenadores de pós-graduação em Antropologia às 9 horas e às 10 horas a Assembleia Ordinária da ABA e o encerramento da XVIII Reunião Brasileira de Antropologia.

No programa, há uma observação discreta informando que “Durante a reunião a sala F.4059 estará disponível para mostra de vídeos”. Porém, o programa impresso não traz detalhes sobre a possível exibição de filmes etnográficos.

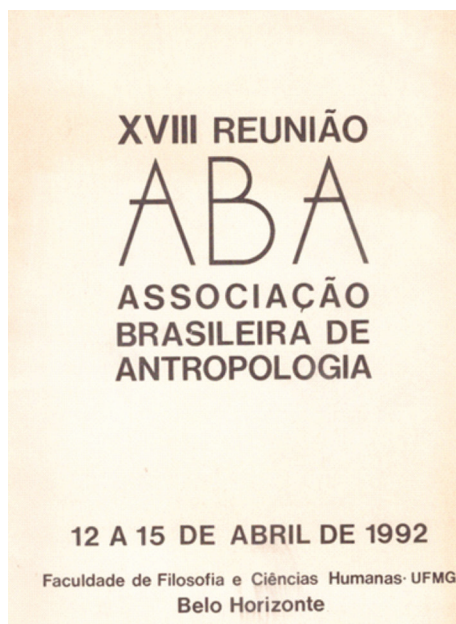


Figura 5 - Capa do programa da XVIII RBA.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

A XVIII RBA mereceu uma pequena notícia, com texto sem fotografia, no *Estado de Minas*, no dia da abertura (12 de abril). E uma reportagem detalhada na capa do caderno “Programe-se” do jornal *Hoje em Dia*, no dia 16 de abril, na qual aparece o precioso dado de que o público foi de 500 pessoas. Há uma lista dos grupos de trabalho, explicações sobre a Antropologia e a atuação da ABA, além de referências a pesquisas e atividades de Roque Laraia.

# Programa-se

QUINTA-FEIRA, 16 DE ABRIL DE 1992 (PÁGINA 1)

## Bar Itinerante abre caminho à música

**Adão é de encontrar-se nos vestibular, à medida dos sacros do dialeto do alentejo — sendo em nome da arte**

O vestibular está para o músico alentejano, com o dialeto e o sotaque que manifesta, como se fosse, mais do que um meio de acesso ao ensino superior. No bar itinerante, há um espaço dedicado à música popular. Um espaço cultural, organizado por Adão, de Lisboa, e Roberto, de Évora. O bar itinerante abre caminho à música alentejana, com o dialeto e o sotaque que manifesta, como se fosse, mais do que um meio de acesso ao ensino superior. No bar itinerante, há um espaço dedicado à música popular. Um espaço cultural, organizado por Adão, de Lisboa, e Roberto, de Évora.



Detalhe de Roberto de Matta a tocar guitarra no Bar Itinerante. À esquerda, Adão, organizador do bar itinerante. À direita, Roberto de Matta.

## Antropologia é discutida em encontro

Conferências, com especialistas no assunto, reuniram centenas de pessoas na Faculdade de Filosofia

O primeiro encontro aconteceu há 14 dias, e o local escolhido foi a antiga casa de Vasco Argenteo, no bairro São Lucas. Naquela, cerca de mil pessoas participaram em sessões interactivas, com discussões e apresentações.

Uma das apresentações foi a de Roberto de Matta, que falou sobre a importância da música alentejana. Ele destacou o papel do bar itinerante como um espaço de encontro e de partilha cultural. A sua intervenção foi muito bem recebida pelo público.

Ma não era este o único momento que Roberto de Matta e Rogério de Barros Laraia tiveram ao longo do encontro. Eles participaram em várias sessões de discussão e apresentações, sempre com o intuito de promover a cultura alentejana.



Roberto de Barros Laraia e Rogério de Barros Laraia participando de uma sessão de Antropologia.

Antropologia foi o tema central das conferências. Os especialistas abordaram temas como a diversidade cultural, a identidade e o papel da antropologia na sociedade contemporânea. As discussões foram muito produtivas e geraram muitas ideias para futuras pesquisas.

A antropologia é uma ciência social que estuda o homem, o indivíduo e a diversidade cultural. Ela busca compreender as diferenças e semelhanças entre as sociedades humanas. No Brasil, a antropologia tem ganhado cada vez mais importância, especialmente em áreas como a saúde, a educação e o desenvolvimento social.

### Fugindo do barulho e dos exploradores

Quem primeiro seguiu a pista do "Bar Itinerante" foi Luís Mourão de Faro, um jornalista de São Paulo. Ele foi atraído pelo projeto de Roberto de Matta e Rogério de Barros Laraia, que buscavam criar um espaço de encontro e de partilha cultural para a comunidade alentejana. O projeto foi muito bem recebido pelo público e gerou muitas ideias para futuras pesquisas.

GRUPOS DE TRABALHO	
<ul style="list-style-type: none"> <li>ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA</li> <li>REGULARES ESTATÍSTICA DOS POÇOS AGRÍCOLAS DO BRASIL</li> <li>TEMPO E TEMPO EM CLASSES SOCIAIS</li> <li>PRÁTICA ANTROPOLÓGICA DE JORNADA NO BRASIL</li> <li>CULTURA E MEMÓRIA NAER NA BRASILEIRA: VISÃO E NOVAS QUESTÕES</li> <li>CONTRIBUIÇÃO DA ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO DE TRABALHO</li> <li>POPULAÇÕES RURAIS, EDUCAÇÃO E MIO-AMBIENTE NA AMÉRICA</li> <li>ANTROPOLOGIA E ESTUDO DE GRUPOS DE BASE</li> <li>JORNADA RURAL E O PARENTESCO</li> <li>USUÁRIOS E INTERVENÇÃO NA ANTROPOLOGIA PARA A ANTROPOLOGIA</li> <li>CULTURA BRASILEIRA E INTERVENÇÃO O POPULAR DO BRASIL</li> <li>ETNOLOGIA E ANTROPOLOGIA</li> <li>ANTROPOLOGIA DO CAMPESIATO</li> <li>INTERVENÇÃO DA ANTROPOLOGIA NA SAÚDE</li> <li>ANTROPOLOGIA DO CARIÓTIPO DE BASE</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>DESENVOLVIMENTO URBANO, RURAIS E MIO-AMBIENTE</li> <li>MEMÓRIAS E IDENTIDADE</li> <li>INTERVENÇÃO NA SAÚDE NA AMÉRICA LATINA</li> <li>ANTROPOLOGIA E INTERVENÇÃO NA SAÚDE</li> <li>EDUCAÇÃO E MIO-AMBIENTE DE UM CONTEXTO DE URBANO</li> <li>CULTURA E PERSONALIDADE BRASILEIRA: MOVIMENTO MODERNO, TEMPORALIDADE E INTERVENÇÃO NA ANTROPOLOGIA</li> <li>PARA ALÉM DA PARADIGMA O DEBATE ENTRE O PRÁTICO E O TEÓRICO NA SAÚDE DO TRABALHADOR</li> <li>SAÚDE E INTERVENÇÃO NA ANTROPOLOGIA</li> <li>SAÚDE, MEMÓRIA, IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E PERSPECTIVAS</li> <li>CENTRALIDADE DA INTERVENÇÃO NA ANTROPOLOGIA NA SAÚDE DO TRABALHADOR E INTERVENÇÃO NA SAÚDE</li> <li>BRASIL</li> <li>PRÁTICA DE INTERVENÇÃO NA SAÚDE BRASILEIRA</li> </ul>

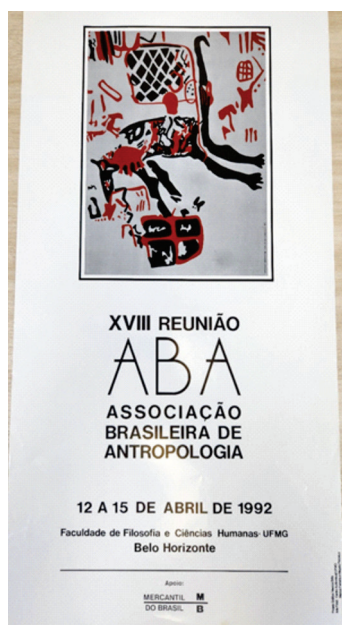
R. R. Laraia publica livro na Espanha

Mestre de Física, Rogério de Barros Laraia é formado em História pela UFPA. Tem especialização em Antropologia Social pelo Museu Nacional de História Natural, e doutorado na USP. É autor de vários livros, incluindo "Fugindo do barulho e dos exploradores", "Fase Inicial do Brasil: Uma História da Cultura" e "Cultura: Um conceito antropológico".

Figura 6 - Reportagem sobre a XVIII RBA, com fotografia de Roque Laraia e Roberto da Matta.

Fonte: Hoje em Dia, 16 de abril de 1992.

Na Figura 7, vemos o cartaz do evento, cuja ilustração foi sugerida por André Prous, conforme informação pessoal de Josefina Lobato.



*Figura 7 – Cartaz da XVIII RBA, com pintura da Gruta do Caboclo/MG. Projeto gráfico de Marcos Brito e arte final do Centro de Produção Audiovisual da UFMG (Marcus Ferreira e Magela Perpétuo). Apoio do Banco Mercantil do Brasil.*

Fonte: AEL/ Unicamp.

## A Antropologia ensinada na FAFICH antes da XVIII RBA

O ensino de Antropologia na FAFICH da UFMG começou na mesma época das primeiras faculdades situadas em outras cidades brasileiras, seguindo a estrutura curricular definida por Arthur Ramos e instituída pelo Decreto-Lei nº 1190, de 1939. A cátedra número 30 de Antropologia e Etnografia na Faculdade de Filosofia foi ocupada pelo médico dermatologista Olinto Orsini de Castro durante as décadas de 1940 e 1950. Olinto Orsini (1891-1970) foi responsável por programas de Antropologia para as três séries do

curso de História e Geografia e para a terceira série do curso de Ciências Sociais até os anos 1960. A produção intelectual de Orsini concentrou-se na área dermatológica, com publicações restritas a periódicos médicos (Anuário da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, 1953, p. 348-352).

Os programas dos cursos denominados Antropologia e Etnografia e Etnografia do Brasil podem ser consultados nos arquivos antigos da FAFICH. Pelo que se lê, a origem médica do professor se expressa sobretudo nos cursos das primeiras séries, os quais enfatizavam aspectos anatômicos e evolutivos da espécie humana. A seção “Noções preliminares” do curso de Antropologia tratava de assuntos como “os reinos da natureza, reino humano, a vida, origem da vida, características dos seres vivos, espécies e variedades”. Seguiam-se as partes nas quais se ensinava sobre a “origem das espécies e do homem”; “caracterização da espécie humana” (por exemplo, características humanas da coluna vertebral, do tórax, da pélvis, da cabeça); “unidade da espécie humana” (povos, línguas, civilização, raças. Características raciais, influências do meio e do cruzamento sobre as raças, raças fósseis, raças atuais e sua classificação); “antigüidade (sic) da espécie humana” (cronologia absoluta da humanidade e cronologia dita bíblica) e “fim da espécie humana”.

O programa de Etnografia Geral inclui o que poderíamos chamar de perspectiva cultural. Contudo, a ideia de cultura aparece em sentido genérico, universalista, como característica da humanidade em geral. Alguns exemplos são esclarecedores sobre a visão de cultura transmitida nos cursos de Orsini: “evolução da alimentação – o fogo”, “o sono e o abrigo”, “o adorno e a vestimenta”, “armas e defesa”, “evolução da indústria”, “a sociedade. Família e tribu (sic)”, “cultura espiritual: idiomas, artes, religião, ciências, escrita”.

Por fim, a cadeira de Etnografia do Brasil concentrava-se em temas relativos ao “Homo americanus” e ao “Homo brasiliensis”. O professor Orsini discorria sobre assuntos arqueológicos (cavernas, estearias, sambaquis, estações líticas), falando inclusive da “raça de Lagoa Santa”.



A outra metade do curso era dedicada a falar da “classificação etnográfica brasileira”, da “localização dos povos Tupis” e de “estudos dos Guaranis e Tabajaras”. Aspectos relacionados à “vida na taba”, à “comida dos índios”, à “organização da família”, à “nubilidade e casamento” e à “organização social da tribo (sic)” eram tratados nas aulas da matéria.

Foram alunos de Olinto Orsini futuros professores de Antropologia da FAFICH como Saul Martins (formado em Ciências Sociais em 1959) e Welber Braga (formado em Ciências Sociais em janeiro de 1960, embora sua turma seja de 1959). Entre aqueles que assistiram às aulas de Olinto Orsini, estão: Roque de Barros Laraia e Francisco Iglésias. A impressão da Antropologia transmitida pelo catedrático é semelhante para todos eles. O historiador Francisco Iglésias (Pirapora/MG, 1923; Belo Horizonte/MG, 1998) que durante toda a vida lecionou na Faculdade de Ciências Econômicas, foi aluno da primeira turma do curso de História e Geografia e concluiu bacharelado em 1944. Ele declarou sobre a Faculdade de Filosofia e os professores que o influenciaram:

“Fui da primeira turma de história, que era, obviamente, a de um curso fraco. [...] Meus professores na Faculdade de Filosofia – vou ser um pouco cruel – eram todos improvisados. [...] Mas o pior de todos era o que ensinava antropologia, um dermatologista. Ele abria um livro e ditava a aula, partindo do pressuposto de que o aluno era um ‘débil mental’. Reacionário fanático, pregava um catolicismo do pior tipo possível”. (Iglésias, 1991, p. 32).

Roque de Barros Laraia ingressou no curso de História e Geografia da Faculdade de Filosofia em 1957. Ele assim rememorou a figura de seu professor de Antropologia:

“[...] eu acho que a Antropologia não era ruim, não era fraca aqui em Minas em época recente, mas já era fraca, porque o professor de Antropologia da Universidade Federal era um médico chamado Olinto Orsini, que deve ter morrido há muitos anos. [...] Ele dava tudo [todas as disciplinas de Antropologia]. Mas ele não

sabia nada. Dizem que quando fundaram a Universidade Federal de Minas Gerais, o professor foi assim escolhido aleatoriamente. Então alguém tinha ido na casa dele e tinha visto um livro qualquer de Antropologia e pensou que ele sabia de Antropologia. Ele era dermatologista. [...] Ele tinha um manual assim, mais ou menos dos anos 20, argentino, era muito ruim. [...] O professor Olinto Orsini era um cara já muito velho na época, conservador, ‘catolicíssimo’. Ele tinha uma ideia muito errada do que era a Antropologia e dava aula sete horas da manhã, porque era médico e tinha suas atividades na Faculdade de Medicina. Então, sete horas a porta já estava trancada: quem entrou... Entrou; quem não entrou... Dançou. O fato é que ele ficou famoso”. (Entrevista concedida à autora, outubro de 2003).

Os programas de Olinto Orsini localizados na pesquisa não mencionam referências bibliográficas. Entretanto, Saul Martins e Roque Laraia dizem que suas aulas seguiam apenas um livro. O primeiro fala que o professor indicava “[...] um livro, como menino de grupo. O saber dele não passava daquele livro. [...] Eu acho que aquele livro ele decorou, tanto que na aula ele dava a mesma coisa” (Entrevista à autora, 7 de abril de 2005). Como dito anteriormente, Laraia lembra-se bem que o livro era um manual argentino, de autoria de José Imbelloni. Seguindo sua indicação, encontrei na Biblioteca do Museu Nacional (UFRJ), o exemplar de *Epitome de Culturologia* (1936). Esta obra inicia a coleção Humanior (Biblioteca del Americanista Moderno), dirigida por José Imbelloni, nascido na Itália em 1885.

O fato é que a presença de Olinto Orsini nos primórdios do ensino de Antropologia na FAFICH parece ter impedido o desenvolvimento de vocações ou afastado de Minas Gerais quem desejava seguir os estudos em Antropologia. Foi o caso do próprio Laraia, aluno da primeira turma do Curso de Teoria e Pesquisa em Antropologia Social, no Museu Nacional, no ano de 1960; e de Darcy Ribeiro, que, conta Laraia, dizia que não estudou Antropologia em Minas por causa de Orsini.

Não consegui descobrir ainda a data exata da saída de Olinto Orsini. Sabe-se apenas que ele foi substituído por Ely Bonini Garcia, formado em psiquiatria na Faculdade de Medicina da UMG. Embora fosse médico, Bonini teria proximidade com as Ciências Sociais em virtude de cursos frequentados na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e participação em pesquisas de campo de professores da escola. Dados precisos sobre a passagem desse professor pela Faculdade de Filosofia foram muito difíceis de obter. Apesar de ser localizado, ele se negou a dar entrevistas por “só ter memória sobre o futuro”. Sabe-se apenas que ele foi preso em 1964. Assim, ele teria lecionado antropologia cerca de quatro anos.

Felizmente, tive acesso a vários alunos que assistiram às aulas de Bonini, os quais lembram vivamente desse tempo. Iêda Martins de Pádua (Governador Valadares/MG, 1944), formada em Ciências Sociais em 1966, conta que a disciplina de antropologia foi muito impactante em sua chegada à FAFICH.

“Pelo que me lembro, o que ele procurava era envolver as pessoas, ele fazia a gente representar as relações sociais. Ele provocou ali a reprodução de relações de classe. [...] Ele realmente falava que iria quebrar os padrões, para a gente poder enxergar a sociedade. Eu me lembro exatamente das palavras dele: ‘Tirar o argueiro do olho’ – essa expressão bíblica. Enxergar o óbvio e a gente se descolar da visão, do senso comum, para a gente ser cientista social. [...] Foi um curso absolutamente não convencional. Dali saíram pessoas muito motivadas e inteiramente desmotivadas. Têm colegas que sumiram de lá e nunca mais apareceram” (Entrevista concedida à autora, 28 de julho de 2005).

As aulas de Bonini são descritas em seu método como performances ou psicoterapia de grupo por seus alunos. Josefina Pimenta Lobato comentou sobre os exercícios de representação de papéis sociais. Sobre os autores e textos usados em aula, Iêda e Josefina citam Ralph Linton (*O Homem*) e Clide Kluckhohn (*Antropologia. Um espelho para o Homem*). Falam da ênfase do curso na antropologia americana, creditada à sua passagem pela

Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. São textos disponíveis na época e comuns em outros cursos de antropologia ministrados em Belo Horizonte. O modo de ensinar parece ser o ponto da diferença das aulas de Bonini; mais do que a sua bibliografia, as aulas eram marcadas pelo modo de leitura e utilização dos temas antropológicos.

Welber Braga (Belo Horizonte, 1937, 2006) começou a lecionar antropologia em 1964. O entusiasmo de Welber na graduação se dirigia sobretudo às aulas de sociologia com o professor Morse Belém Teixeira. O desgosto pelas aulas de antropologia do professor Olinto Orsini afastaram Welber Braga da disciplina por alguns anos. Ele esclareceu que, estudando sociologia, questionou-se sobre “o que molda a estrutura social”. A resposta para ele é a cultura. Decidiu: “Então, eu vou virar é antropólogo. E passei pela antropologia por esse caminho. Eu quero conhecer as formas que movem a estrutura social; então, é a cultura” (entrevista a Candice Vidal e Souza, Ruben Caixeta de Queiroz e Léa Freitas Perez, 12 de julho de 2005). Welber nos contou que se tornou antropólogo lendo Ralph Linton, Herskovits, Margaret Mead, Ruth Benedict; além desses, disse que: “Malinowski teve uma influência fundamental em mim”.

Outro aluno de Olinto Orsini que se tornou antropólogo, a despeito das aulas introdutórias na graduação, foi Saul Martins (Januária/MG, 1917; Belo Horizonte/MG, 2009), que ingressou na Faculdade de Filosofia em março de 1966, por concurso público, para ministrar a disciplina Antropologia VI (4ª série do curso de Ciências Sociais). O folclore de Minas Gerais foi o objeto de pesquisa da vida toda desse professor. Temas da cultura popular, como a arte e o artesanato, e da cultura negra do estado constituem os trabalhos publicados por Saul Martins. A sua especialidade o levou a manter correspondência com antropólogos de outros estados dedicados a pesquisas semelhantes: Luís da Câmara Cascudo, Manuel Diégues Júnior, Edson Carneiro, Napoleão Figueiredo, Eduardo Galvão, Loureiro Fernandes. Nos arquivos da família de Saul Martins existe a correspondência recebida de Câmara Cascudo de 1951 até 1977, escrita com o estilo “de cordialidade bem

brasileira e real” do morador da Rua Junqueira Aires, nº 377, em Natal. Segue a primeira dessas cartas (Figura 8):

Meu caro Saul Alves Martins.

377, Junqueira Aires.  
Natal, 21-XI-1951.

DEVE estar o meu companheiro edificado com a boa educação deste seu admirador. Cumpriu fiel e generosamente quanto prometera mas de minha parte teve apenas silêncio e distância. Quero penitenciar-me de ambas, afirmando não constituir elementos de olvido mas unicamente a vida absorvente de trabalho que me obrigou a retardar por tanto tempo o agradecimento às suas amáveis notas que tão úteis têm sido para mim. Serviu-me delas abundantemente, transcrevendo-as algumas no Dicionário e inclui o prezado amigo na classe rara e afetuosa dos colaboradores reais, indispensáveis e próprios. Tanta coisa ignorava eu e encontrei clara e elegantemente fixadas nas notas que mandou. Creia que muito me penhorou sua bondade e conservo sua amizade em justo e alto ponto, de cordialidade bem brasileira e real.

O seu Governador chegou ontem aqui mas não o vi nem o verei, infelizmente. Vive bem longe do oficialismo e da festa litúrgica que a política oferece aos seus devotos. O atual Governador do meu Estado é uma jóia. Jóia que chega à maravilha de compreender-me e deixar-me trabalhar em casa, arredio e feliz como um rato dentro do queijo.

Com afetuosos abraços e votos de felicidade pessoal,  
seu admirador e grato amigo-

*Luís da Câmara Cascudo*

Figura 8: Correspondência de Luís da Câmara Cascudo para Saul Martins, 21 de novembro de 1951.

Fonte: Acervo pessoal de Jijara Martins.

Saul Martins é visto por alunos e colegas como “folclorista” ensinando matérias antropológicas. Quem a ele se refere como folclorista geralmente está aplicando uma classificação que o aparta do grupo de antropólogos, como se o trabalho dele pertencesse a uma área estranha às ciências sociais. Um colega antropólogo se pergunta: “Quem que eram os antropólogos da faculdade? Eram o Ely Bonini e eu. O Saul, que era mais folclorista

do que qualquer coisa” (entrevista a Candice Vidal e Souza, Léa Freitas Pérez e Ruben Caixeta de Queiroz, 12 de julho de 2005).

A condição desprestigiada dos pesquisadores folcloristas diante dos demais cientistas sociais é resultado do processo de institucionalização da sociologia e da antropologia no Brasil e alhures (Vilhena, 1997). Essa marginalização afeta a trajetória de Saul Martins na UFMG até sua aposentadoria em 1983, especialmente nos anos de maior envolvimento partidário e ideológico dos alunos, que classificam a pessoa e sua especialidade como reacionários ou conservadores, inclusive pelo fato de Saul ser coronel da Polícia Militar de Minas Gerais. Todavia, tenho informações de que ele nunca denunciou estudantes e chegou a retirar da prisão alguns deles.

O aluno mais próximo de Saul Martins foi Romeu Sabará, que se tornou professor do Departamento de Sociologia e Antropologia em 1970. Por uma conjunção de fatores vários, Romeu Sabará (Pocrane/MG, 1941; Belo Horizonte/MG, 2023) será ele mesmo um personagem “folclorizado” na FAFICH, produzindo um percurso acadêmico marginal. A cultura negra também foi um objeto de predileção desse professor, especialmente o congado mineiro e a comunidade dos Arturos, localizada em Contagem/MG.

Durante a pesquisa, poucos dados foram obtidos sobre alguns professores de Antropologia; entre eles, está Maurício Lanski (Belo Horizonte/MG, 1936–1997). Segundo registros da FAFICH, ele começou a lecionar em 1967. Há registros do professor Nelson Quadros nos anos 1990, como responsável pela disciplina Antropologia IV (primeiro semestre de 1992). Nenhum dos entrevistados falou espontaneamente nesse nome. Este professor, no entanto, faz parte da comissão organizadora da XVIII RBA, conforme o programa citado acima. Recentemente, reencontrei programas de 1970 sob responsabilidade de Maria Helena Mendes Duarte, sobre quem ainda não escutei referências.

Na década de 1970, o grupo de antropólogos sociais ampliou-se com a contratação de novos professores como Iêda Martins de Pádua, Josefina Pimenta Lobato, Romeu Sabará, Maria das Graças Tavares, Cleonice Pitanguí, Pierre Sanchis, Renato Ortiz. A configuração geral da área de

antropologia não se alterou substancialmente nos anos 1980, ocorrendo apenas o ingresso de Leonardo Figoli (Rosario/Argentina, 1951) em 1988. Na década de 1990, com a aposentadoria de vários professores, três antropólogas (Ana Lúcia Modesto – Belo Horizonte/MG, 1960; Léa Perez – Porto Alegre/RS, 1957; Andrea Zhouri – Aiuruoca/MG, 1962) e um antropólogo (Eduardo Vargas – Belo Horizonte/MG, 1965) passam a compor o quadro da antropologia. É exatamente desse núcleo que serão convocados alguns dos professores que vão organizar a RBA em 1992, cuja comissão foi composta por André Prous (arqueólogo), Ana Lúcia Modesto, Carlos Magno Guimarães, Cleonice Pitanguí Mendonça, Iêda Martins de Paula, José Eustáquio Teixeira de Abreu, Pierre Sanchis, Leonardo Fígoli, Nelson Quadros Filho, Raquel Miranda Lopes e Romeu Sabará da Silva.

Podemos afirmar que a turma de antropólogos que fez acontecer a RBA de 1992 e todas as gerações que se seguiram sempre estiveram diante de um desafio que me foi sugerido por uma explicação mágica de Roque Laraia para as dificuldades enfrentadas pela antropologia feita em Minas Gerais: “desenterrar o sapo que teria sido enterrado por Olinto Orsini”. Ao revisitar minha pesquisa anterior e reencontrar, de modo intelectual e afetivo, a antropologia feita na FACE por ocasião do encontro com seu filho e seus netos, creio que o espírito animador (afeito a fazimentos, diria seu amigo Darcy) do professor Cid Rebelo Horta poderia vir guiar as trilhas do futuro antropológico nessas terras.

## Referências

CORRÊA, M. *As reuniões brasileiras de antropologia: cinquenta anos (1953-2003)*. Brasília: ABA, 2003.

LANNA, A. D. V Reunião Brasileira de Antropologia. *Revista de Antropologia*, v. 9, p. 124-125, 1961.

MICELI, S. *Lira mensageira*. Drummond e o grupo modernista mineiro. São Paulo: Todavia, 2022.

VILHENA, L.R. *Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: Funarte: FGV, 1997.

## Fontes documentais e jornalísticas

### Acervo da FAFICH/UFMG:

FAFICH. Anuário da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais (1939-1953). Belo Horizonte, 1953.

Encadernações de Programas FAFICH/UFMG.

### Acervo da FACE/UFMG:

Programas de disciplinas e cursos ministrados pela Faculdade (1959 e 1964) FACE/UFMG.

Hemeroteca Pública de Minas Gerais (Biblioteca Pública Estadual Luís de Bessa):

*Suplemento Literário do Minas Gerais* (21 de outubro de 1967).

Jornais *Folha de Minas*, *Estado de Minas*, *O Diário*, *Diário da Tarde* (27 e 28 de junho de 1961; 1 e 2 de julho de 1961); *Estado de Minas* (12 de abril de 1992) e *Hoje em Dia* (16 de abril de 1992).

### Arquivo Público Mineiro:

Fundo João Dornas Filho.

Fundo Jornal *Folha de Minas*.